



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

Daam e sumud: noções de força e resiliência entre refugiados palestinos do conflito sírio

Autoria: Helena de Moraes Manfrinato Othman (USP - Universidade de São Paulo)

Em finais de 2015, uma centena de refugiados palestinos do conflito sírio foi acolhida em uma ocupação urbana no Centro de São Paulo. Nascidos e criados em campos de refugiados na Síria, sua vivência do refúgio e as dificuldades vinculadas a essa condição, lançam suas raízes em guerras e processos de migração forçada anteriores à guerra da Síria. Vivendo sob a governança de uma organização internacional e com acesso restrito à cidadania no país hospedeiro, sabem o que é lidar com a escassez de recursos e a dependência de ajuda humanitária. Novamente refugiados no Brasil, em razão, agora, do conflito sírio, viram-se, mais uma vez, em uma situação de vulnerabilidade. Diante das condições descritas, meus interlocutores da ocupação Leila Khaled descrevem-se como samidin, resilientes, porque resistentes, agindo com bravura na adversidade. Esta noção ancora-se na própria experiência de sofrimento, que ensina a ser forte, princípio acolhido desde a criação dos filhos. Ao mesmo tempo, a noção de sumud é coextensiva a de sangue (daam), substância que contém força, ligada a terra ancestral, força acionada pelas múltiplas dificuldades da vida no refúgio. A ativação da conexão com a terra pela memória dos antepassados é repassada às próximas gerações, impondo-se contra o risco do esquecimento, ao passo que cria, no presente, homens e mulheres fortes diante da dura vida no refúgio.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: